

# ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFOP

ISSN: 2526-7892

TRADUÇÃO

## CARTA DE UM JOVEM POETA A UM JOVEM PINTOR

*Heinrich von Kleist*

*Traduzido por: André Correia<sup>1</sup>*

<https://orcid.org/0000-0003-3426-0452>

A nós, poetas, é incompreensível como vós podeis vos decidir, vós, caros pintores, cuja arte é algo tão infinito, a passar anos a fio no negócio de copiar as obras de vossos grandiosos mestres. Os professores, com quem frequentais a escola, dizeis, infelizmente não sofrem por não trazerdes, antes de o momento ter chegado, vossa imaginação à tela; mas se nós, poetas, estivéssemos em vosso lugar, creio que de bom grado teríamos oferecido nosso dorso a infinitos açoites a cumprir essa cruel proibição. A força de imaginação ter-se-ia agitado sobremaneira em nosso peito, e nós, a despeito de nossos professores desumanos, logo que soubéssemos que se tem de pintar com o tufo de pelos e não com o cabo do pincel, trancaríamos as portas em segredo no período da noite, a fim de nos experimentarmos nesse jogo dos bem-aventurados que é a invenção. Aí onde a fantasia se descobre em vossas jovens mentes, conforme nos parece, tem de cair por terra de modo implacável e irrecuperável devido à subserviência sem fim a que vos condenais ao copiar em galerias e salões. Em nossa opinião, não sabemos o que é mais necessário do que contemplar a imagem que vos comove e de cuja excelência desejais vos apropriar, com intimidade e amor, por horas, dias, semanas, meses ou mesmo anos. Ao que se nos afigura, é possível fazer um duplo emprego de uma imagem; um deles é aquele em que fazeis repetições de seus traços, para vos introduzirdes na perícia da escrita pictórica; e, em seguida, reinventá-la em seu espírito desde o início. E também essa perícia precisaria ser abandonada, tão logo

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia (UFRJ). Bolsista CNPq. Endereço de email: [felgorreia@hotmail.com](mailto:felgorreia@hotmail.com).

se contrapusesse de algum modo à arte mesma, cuja parte essencial é a invenção de acordo com leis próprias. Pois a tarefa, Céu e Terra!, não é de modo algum ser um outro, mas sim vós mesmos, e trazer, por intermédio de contornos e cores, vós mesmos à visibilidade, o que tendes de mais próprio e íntimo! Como podeis vos desdenhar a ponto de consentirdes com vossa total ausência sobre a Terra, uma vez que a própria existência de espíritos tão gloriosos, como o são aqueles que admirais, longe de vos destruir, deveria antes suscitar em vós o justo desejo e vos equipar com força, serena e corajosa, para fazerdes o mesmo à vossa própria maneira? Mas vós, vós imaginais que tendes de passar pelos vossos mestres, seja Rafael ou Correggio, ou quem quer que então tenhais colocado como modelo, uma vez que assim podeis retroseguir por completo, de costas contra ele, e, em direção diametralmente oposta, alcançar e escalar o ápice da arte, como o tendes em mente. – Pois! Dizeis e me fitais: o que é que o senhor nos diz de novo?! Então sorrides e encolheis os ombros. Logo, senhores, que Deus seja louvado! Pois se já há trezentos anos disse Copérnico que a terra é redonda, eu não vejo como poderia ajudar se eu o repetisse aqui. Adeus!<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> KLEIST, Heinrich von. “Brief eines jungen Dichters an einen jungen Maler”. In: *Werke und Briefe in vier Bänden* [Band 3]. Hrsg. von Siegfried Streller. Berlin und Weimar, 1978, S. 469-471. A primeira impressão deste texto data do dia 06 de novembro de 1810, no jornal *Berliner Abendblätter*, publicado por Julius Eduard Hitzig e editado pelo próprio Kleist. O jornal teve uma curta existência: do dia 01 de outubro de 1810 até o dia 30 de março de 1811, ano em que Kleist viria a falecer. Nele, foram publicados diversos textos do autor, incluindo o célebre *Sobre o teatro de marionetes*. Quanto à presente edição, foi adotado o formato bilíngue: primeiramente a tradução em português e, em seguida, o texto original em alemão. O documento da edição alemã vale a nível de citação, ou seja, apenas para fins acadêmicos e não comerciais, sem qualquer intenção de desrespeitar eventuais direitos da editora ou do editor.

### *Brief eines jungen Dichters an einen jungen Maler*

Uns Dichtern ist es unbegreiflich, wie ihr euch entschließen könnt, ihr lieben Maler, deren Kunst etwas so Unendliches ist, jahrelang zuzubringen mit dem Geschäft, die Werke eurer großen Meister zu kopieren. Die Lehrer, bei denen ihr in die Schule geht, sagt ihr, leiden nicht, daß ihr eure Einbildungen, ehe die Zeit gekommen ist, auf die Leinwand bringt; wären wir aber, wir Dichter, in eurem Fall gewesen, so meine ich, wir würden unsern Rücken lieber unendlichen Schlägen ausgesetzt haben, als diesem grausamen Verbot ein Genüge zu tun. Die Einbildungskraft würde sich, auf ganz unüberwindliche Weise, in unseren Brüsten geregt haben, und wir, unseren unmenschlichen Lehrern zum Trotz, gleich, sobald wir nur gewußt hätten, daß man mit dem Büschel, und nicht mit dem Stock am Pinsel malen müsse, heimlich zur Nachtzeit die Türen verschlossen haben, um uns in der Erfindung, diesem Spiel der Seligen, zu versuchen. Da, wo sich die Phantasie in euren jungen Gemütern vorfindet, scheint uns, müsse sie, unerbittlich und unrettbar, durch die endlose Untertänigkeit, zu welcher ihr euch beim Kopieren in Galerien und Sälen verdammt, zu Grund und Boden gehen. Wir wissen, in unsrer Ansicht schlecht und recht von der Sache nicht, was es mehr bedarf, als das Bild, das euch rührt, und dessen Vortrefflichkeit ihr euch anzueignen wünscht, mit Innigkeit und Liebe, durch Stunden, Tage, Wochen, Monden, oder meinethalben Jahre, anzuschauen. Wenigstens dünkt uns, läßt sich ein doppelter Gebrauch von einem Bilde machen; einmal der, den ihr davon macht, nämlich die Züge desselben nachzuschreiben, um euch die Fertigkeit der malerischen Schrift einzulernen; und dann in seinem Geist, gleich vom Anfang herein, nachzuerfinden. Und auch diese Fertigkeit müßte, sobald als nur irgend möglich, gegen die Kunst selbst, deren wesentliches Stück die Erfindung nach eigentümlichen Gesetzen ist, an den Nagel gehängt werden. Denn die Aufgabe, Himmel und Erde! ist ja nicht, ein anderer, sondern ihr selbst zu sein, und euch selbst, euer Eigenstes und Innerstes, durch Umriß und Farben, zur Anschauung zu bringen! Wie mögt ihr euch nur in dem Maße verachten, daß ihr willigen könnt, ganz und gar auf Erden nicht vorhanden gewesen zu sein; da eben das Dasein so herrlicher Geister, als die sind, welche ihr bewundert, weit entfernt, euch zu vernichten, vielmehr allererst die rechte

Lust in euch erwecken und mit der Kraft, heiter und tapfer, ausrüsten sollen, auf eure eigne Weise gleichfalls zu sein? Aber ihr Leute, ihr bildet euch ein, ihr müßtet durch euren Meister, den Raphael oder Corregge, oder wen ihr euch sonst zum Vorbild gesetzt habt, hindurch; da ihr euch doch ganz und gar umkehren, mit dem Rücken gegen ihn stellen, und, in diametral-entgegengesetzter Richtung, den Gipfel der Kunst, den ihr im Auge habt, auffinden und ersteigen könntet. – So! sagt ihr und seht mich an: was der Herr uns da Neues sagt! und lächelt und zuckt die Achseln. Demnach, ihr Herren, Gott befohlen! Denn da Kopernikus schon vor dreihundert Jahren gesagt hat, daß die Erde rund sei, so sehe ich nicht ein, was es helfen könnte, wenn ich es hier wiederholte. Lebet wohl!

## REFERÊNCIAS:

KLEIST, Heinrich von. “Brief eines jungen Dichters an einen jungen Maler”. In: **Werke und Briefe in vier Bänden** [Band 3]. Hrsg. von Siegfried Streller. Berlin und Weimar, 1978, S. 469-471.

## INFORMAÇÕES ADICIONAIS

André Correia é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. Bolsista CNPq. Contato: [felgorreia@hotmail.com](mailto:felgorreia@hotmail.com).

Artigo recebido em: 08/07/2022.

Aceito em: 27/09/2022.